

“O Centenário da “Origem das Espécies”
e a Crítica”... (*)

CELESTINO CORREA CARDOSO

No ano passado, precisamente a 24 de novembro, transcorreu o centenário da publicação da «Origem das Espécies», obra em que Charles Darwin compendiou o resultado de anos seguidos de pesquisas árduas e infatigáveis, lançando as bases da teoria evolucionista da seleção natural.

Teoria revolucionária por seus fundamentos e que, por suas implicações filosóficas, concorreria para modificar conceitos básicos sobre a vida, conceitos esses até então eivados de metafisicismo teológico, sabe-se como foram tormentosas e virulentas as polêmicas a que deu origem quando de sua apresentação.

Em nosso país, que saibamos, a não ser o Sr. Manoel Caetano Bandeira de Mello, ninguém mais se preocupou com a passagem da data assinaladora de um dos pontos culminantes da cultura mundial pelo que a teoria do gênio britânico significa, em si mesma, como tentativa de explicação da origem das espécies e de suas modificações e transformações através dos milênios.

Não temos a pretensão de criticar o erudito trabalho de beneditino e culto ensaísta que é o Sr. Manoel Caetano Bandeira de Mello, que para tanto não nos sentimos abalizados e o fôlego, o espaço e o tempo não nos ajudam. O que, porém, nos vem causando estranheza, é, pode-se dizer, o muro de silêncio formado em torno de livro de tanto merecimento; obra da qual seu autor, exibindo uma soma rara de dados, fez um verdadeiro «show» de sabedoria, demonstrando efetivamente estar a par, até em suas minúcias, da evolução da ciência desde os gregos e romanos até nossos dias.

Com efeito, já três meses e dias se escoaram após a publicação de «O Centenário da Origem das Espécies — 1859-1959», e até hoje não tivemos notícia de que algum crítico militante se tivesse pronunciado a respeito do livro do Sr. Manoel Caetano Bandeira de Mello.

Por críticos militantes compreendemos — é bom salientar para que não haja mal-entendidos, incompreensões e sensibilidades mal-feridas tão comuns na república das letras — aqueles dos escritores que, responsáveis por colunas

(*) Transcrito de «O Jornal» de 6-3-1960.

críticas, se dedicam à análise, ao estudo e à apreciação dos livros em jornais ou revistas especializadas.

É bem verdade que espíritos da cultura e da argúcia de Oswaldino Marques, Josué Montello, Deolindo Amorim, Alfredo Balthazar da Silveira e Pizarro Drumond comentaram essa obra, verdadeira viagem pelo mundo da ciência que seu autor denominou modestamente de reportagem.

Os críticos, entretanto, ainda nada disseram. Continuam silenciosos e omissos, como calados e omissos ficaram relativamente ao transcurso do centenário da própria teoria evolucionista.

O que é de espantar, no caso, é que se o livro não tivesse outro mérito — e certamente os possui e variados — teria o de não ter permitido passasse em branca nuvem data de tamanho conteúdo para a civilização.

Conforme já declaramos, não temos a presunção de nos aprofundar na análise da reportagem ou que outro nome tenha do Sr. Manoel Caetano Bandeira de Mello; mas não podemos calar a admiração por seu esforço, pelo brilhantismo de sua exposição, por sua clareza e pela felicidade com que em termos ao alcancê dos leigos, divulgou temas abstrusos de ciência quase sempre herméticos em virtude de sua fraseologia peculiar.

Ademais, é de se notar, no trabalho do Sr. Manoel Caetano Bandeira de Mello, que o vulto de seus conhecimentos que vão desde a biologia à geologia, à paleontologia, à zoologia, à botânica até a física atômica, as teorias da relatividade e dos «quanta» — tudo isso com suas implicações filosóficas; é de se notar — dizíamos — que o vulto de seus conhecimentos não o tornou pedante e professoral. Antes pelo contrário: — sua exposição, mesmo a dos temas mais complexos, é diáfana e acessível, elegante e escorreita.

Ao registrar, pois, embora târdiamente por motivos que não vêm a pelo enunciar, o lançamento da única obra de valor escrita em nossa terra por um nosso patricio sôbre o centenário da teoria evolucionista, não nos furtamos de, mais uma vez e finalizando, dar relêvo ao silêncio dos críticos militantes em tôrno de volume tão interessante, sugestivo e denso de ensinamentos.